



*O Universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade, de Vilém Flusser. São Paulo: Annablume, 2009. 2ª edição, 150 p.*

# O elogio da superficialidade: uma reflexão sobre a imagem de Flusser

The praise of superficiality: a reflection on the image of Flusser

Patrícia Resende Pereira \*

Vilém Flusser é conhecido como o filósofo da mídia. Talvez por isso, fale com tanto domínio sobre o atual momento em que vivemos, bombardeados por muita imagem e informação. Publicado pela primeira vez na Alemanha, em 1985, o ensaio *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade* foi lançado no Brasil 23 anos depois, pela editora Annablume, mas, nem por isso, deixou de tratar de temas atuais para o estudo da imagem e sua relação com a sociedade.

O propósito do autor no livro é buscar entender o que a imagem técnica, produzida por meio de *pixels* e não mais de planos, representa para a sociedade e a forma como ela pode ser recebida pelo indivíduo. Porém, engana-se quem procura por respostas na obra. Logo no início há uma espécie de prefácio escrito pelo próprio Flusser que, no livro, foi chamado de *Advertência*. No texto, o autor explica que seu objetivo com a obra não é oferecer respostas para as inúmeras perguntas, mas fornecer subsídio para a reflexão sobre o tema.

No prefácio do livro da segunda edição, em 2009, o pesquisador Norval Baitello Júnior, alerta que *O universo das imagens técnicas* é fundamental para a compreensão de todo o trabalho do filósofo, no que diz respeito às imagens. O tema é complexo, sem dúvida. No entanto, Flusser consegue, com uma série de exemplos, apresentar bem sua ideia central e tornar possível a compreensão do leitor, mesmo aquele sem

---

\* Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH). Especialista em Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG). Como jornalista, atuou no site Cinema em Cena e na assessoria de imprensa da Câmara Municipal de Belo Horizonte.

qualquer conhecimento da obra do filósofo tcheco, que viveu no Brasil entre 1940 e 1972.

*O universo das imagens técnicas* conta com 150 páginas, divididas em 16 capítulos. É interessante notar que cada uma dessas seções é intitulada com verbos, como programar e encolher, por exemplo. A exceção, além do prefácio e da advertência, é o capítulo de fechamento da obra, *Música de Câmara*. O próprio autor faz questão de explicar o motivo dessa peculiaridade. Segundo ele, os capítulos recebem como título verbos porque, neles, sua proposta é pensar sobre o futuro e o caráter gradual com que os eventos estão acontecendo. Já na conclusão, no entanto, sua intenção é outra: é tentar encontrar algo de substancial nessas discussões.

No primeiro capítulo do livro, *Abstrair*, Flusser começa a colocar em prática seu propósito de refletir sobre o que ainda está por vir. Nesse momento inicial, ele contextualiza o ambiente em que vivemos, com a emergência das imagens técnicas. Ao apresentar o cenário do livro, prepara o leitor para o próximo capítulo, *Concretizar*, no qual é apresentado que o espectador, nesse universo de imagens técnicas, precisa resistir ao fascínio provocado por elas, além de tentar compreender a forma como cada um se posiciona no mundo.

Já em *Tatear*, terceiro capítulo, o foco está nas teclas. É por meio do “apertar a tecla” que as imagens são produzidas. Na situação do autor, por exemplo, ele aperta as teclas e seu texto é escrito. Se, caso contrário, um chimpanzé repetisse o mesmo processo, levaria séculos até que, de modo aleatório, o mesmo documento fosse produzido. É importante ter conhecimento sobre essa questão das teclas porque, no capítulo seguinte, *Imaginar*, Flusser tenta compreender o processo imaginativo. Agora, com a existência de aparelhos e teclas, tudo o que imaginamos é reproduzido pelo aparelho.

É nesse instante que é apresentado para o leitor o imaginador, figura que passa a ser lembrada durante toda a obra. Tal personagem pode ser definido como aquele que imagina o que deve ser apresentado ao público por meio de imagens. Ter conhecimento da função do imaginador é

necessário para compreender a próxima seção, *Apontar*. Nela, Flusser discute o significado das imagens, tendo em vista o que é feito pelos imaginadores das imagens técnicas.

Mas como é feita a recepção de tais imagens? Isso é o que é debatido pelo autor no capítulo seguinte: *Circular*. Nessa seção, o pesquisador dá um exemplo simples: um amigo assiste a um jogo de futebol e, sem qualquer motivo, se empolga com a partida. A partir daí, o pesquisador busca compreender o que levou o sujeito, que não era um entusiasta do esporte, a se animar tanto com a felicidade dos jogadores; uma situação simples que contribui para a compreensão dos conceitos pelo leitor. Ao término dessa seção, é observado que nesse universo de imagens técnicas é projetado o modelo de conduta esperado para cada situação.

O propósito do sétimo capítulo, *Dispersar*, ainda é debater a recepção das imagens por parte dos indivíduos. Nesse capítulo, ele observa que o cinema convidava um grande grupo de pessoas a assistir ao filme, mas, com as imagens técnicas, a individualidade é incentivada, a partir do momento em que cada um pode assistir sozinho. As imagens técnicas também divertem, ao dispersar o público do pensamento crítico. O argumento ganha continuidade em *Programar*, oitavo capítulo, quando fala pela primeira vez no livro do conceito de sociedade telemática.

A partir de *Dialogar*, nona seção, o discurso de Flusser se torna ainda mais pessimista e é desse modo que ele vai continuar pelo resto de *O universo das imagens técnicas*. Nesse capítulo, o autor comenta a necessidade de o indivíduo deixar de se preocupar em se divertir para dialogar sobre as imagens. Caso isso não seja feito o quanto antes, apenas conversa fiada irá existir. Como a produção de informação é importante nesse sentido, ela se torna o foco do capítulo seguinte, *Brincar*, no qual discute o conceito de criador, seja o programador ou o artista. Essa discussão continua, ainda, no capítulo onze, *Criar*, em que ele reflete sobre a cópia e questiona a suposta morte da criatividade. O autor explica que esses três capítulos citados neste parágrafo tratam de improbabilidades, mas que, ainda assim, devem ser levadas em conta.

Em *Preparar*, o décimo segundo capítulo, Flusser discute a questão do acaso para a produção de uma imagem. Mais uma vez, faz uso de um exemplo de simples compreensão para apresentar sua ideia: existe uma história de que o físico Isaac Newton teve a ideia de elaborar a teoria da gravitação universal quando, deitado debaixo de uma árvore, uma maçã caiu em sua cabeça, um acaso provável, segundo Flusser. O que é considerado como acaso improvável, para o pesquisador, é, a partir desse acontecimento, o cientista ter se dado conta de uma série de questões sobre gravidade. Se isso tivesse acontecido com outra pessoa, ela não teria pensado nessas questões. Desse modo, o cientista já estava preparado para esse acaso. O mesmo ocorre com as imagens. Se forem processos aleatórios, existe uma preparação.

Já em *Decidir*, o pesquisador pensa sobre o processo de decisão na sociedade telemática, sobre como serão feitas as escolhas nesse sentido. O capítulo prepara o leitor para o que virá na seção seguinte: *Dominar*. Nela, Flusser imagina como será o futuro, quando não se vai ter mais nada para decidir, em uma sociedade completamente guiada pela produção de imagens técnicas. Ele afirma que as gerações futuras não questionarão se as imagens são verdadeiras ou falsas e o que elas significam. Tudo será dominado pelo desejo de diversão e pela dispersão.

É com *Encolher* que Flusser finaliza os capítulos intitulados com verbos. O pesquisador explica que o homem faz questão de eventos grandiosos, como um recorde olímpico e impérios gigantes, mas, em outros campos, quanto menor é o objeto, maior a chance de seu sucesso, como, por exemplo, o celular. Para o autor, é quando deixamos de nos importar com o tamanho das coisas, que nossos netos, como costuma se referir a gerações futuras, vão se tornar “cérebros de corpo atrofiado”. O novo indivíduo não é mais quem pensa no que vai ser visto e sim um mero funcionário, um simples apertador de teclas.

Com esse discurso pessimista, Flusser chega ao último capítulo, *Música de Câmara*. A mesma seção funciona como conclusão para a obra e, ao mesmo tempo, como alerta Flusser ao término do livro, pode ser lido primeiro, exercendo o papel de introdução. Nesse curioso capítulo,

o autor fecha, ou talvez inicie, os trabalhos envolvendo a sociedade telemática e o modo como o indivíduo relaciona-se com as imagens técnicas.

Pela complexidade do assunto, a leitura de *O universo das imagens técnicas* é facilitada pela quantidade de exemplos, como o já citado amigo animado com o futebol, e o fato de o autor constantemente lembrar as ideias centrais do livro. Tudo isso contribui para o entendimento do leitor e até para tornar a leitura agradável. Depois de ler o livro, o leitor, iniciado ou não nas ideias de Flusser, pode, sem medo, ler mais trabalhos desse filósofo.